



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES- CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

JONÁZIA LEMOS DA SILVA

**AVALIAÇÃO ESCOLAR: VALOR E MÉRITO DETERMINADOS EM UMA SÓ
NOTA.**

Guarabira - PB
Dezembro/2011

JONÁZIA LEMOS DA SILVA

**AVALIAÇÃO ESCOLAR: VALOR E MÉRITO DETERMINADOS EM UMA SÓ
NOTA.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba para integralização
curricular do curso em Licenciatura em Pedagogia.
Sob orientação da professora Mônica De Fátima
Guedes de Oliveira.

Guarabira - PB

Dezembro/2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587a

Silva, Jonázia Lemos

Avaliação escolar: valor e mérito determinados em uma só nota / Jonázia Lemos da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011.

54f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira”.

1. Avaliação Escolar 2. Educação 3. Contribuição
I.Título.

22.ed. CDD 371.27

JONÁZIA LEMOS DA SILVA

**AVALIAÇÃO ESCOLAR: VALOR E MÉRITO DETERMINADOS EM UMA SÓ
NOTA**

Monografia de graduação apresentada ao curso de pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, campus III, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Aprovada em __02__ de __Dezembro__ de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Orientadora) - UEPB

José Otávio da Silva

Prof^o. Ms. José Otávio da Silva
Examinador - UEPB

Silvânia Lucía de Araújo Silva

Prof^a Ms. Silvânia Lucía de Araújo Silva
Examinador – UERN

**Guarabira-PB
Dezembro/2011**

Deus abençoou e colocou pessoas em minha vida que são muito especiais: Marinaldo Aprigio da Silva e Lucione Lemos da Silva, meus pais sendo uma que me incentivou e me mostrou a importância de passar no vestibular e comemorar como se fosse o dia mais feliz da vida, minha querida avó Laurita Lemos, que com suas frases bem elaboradas sempre estava pronta para me ouvir e me ensinar. As lembranças hoje, assolam-me o coração, pois já não está presente nesse momento de conclusão do curso que ela tanto apoiou Deus a chamou antes que chegasse o grande o dia, sua imagem fica viva e meu coração sente a dor de não compartilhar essa alegria.

Preencho sua ausência com recordações e suas sábias palavras, vovó, lembrarei de todos os momentos que vivemos e o quanto me ensinaste, és minha jóia rara de valor que do céu, Deus me mandou para te agradecer hoje aqui por tudo que você já fez por mim. Agora olhando toda essa caminhada tudo sim valeu a pena.

Por tudo isso, a tristeza de não poder sentir o seu mais sincero carinho e de não me envolver e correr para o teu abraço mistura-se com a felicidade de estar realizando um sonho de que você sempre fez parte, a minha amada avó, **DEDICO.**

Agradecimentos

A Deus fonte de toda minha sabedoria me ajudando sempre a seguir caminhos certos livrando-me de armadilhas e que transformou os contratempos, dificuldades em lições de aprendizado, não poderia ter chegado até aqui sem sua mão poderosa agindo sempre em meu favor. Agradeço-te, meu Deus, por conseguir com tua ajuda concluir, mas uma etapa da minha vida.

A minha querida avó, Laurita Lemos, que acreditou e me fez sentir uma das netas, mais importantes quando passei no vestibular. Partistes antes que o momento chegasse, mas sei que onde estiverdes, estareis repartindo conosco essa alegria, sentirei sua presença e lembrarei o teu sorriso quando receber o meu diploma dedico toda essa vitória em sua homenagem, exemplo de mulher que irei sempre seguir.

A minha mãe, Lucione Lemos e ao meu pai Marinaldo Aprígio, meus primeiros professores que me motivaram para conseguir atingir esse ideal, sendo meu espelho e orgulho, tenho a certeza que devo tudo isso a vocês que sempre me incentivaram a prosseguir e nunca desistir em todos os momentos da minha vida, a vocês todo o meu respeito e amor.

Aos meus irmãos, Joseilton Aprígio e José Aprígio, e Cunhadas Márcia Menezes e em especial Suênia Karla, que sempre esteve ao meu lado, acreditando e compartilhando desse sonho.

Aos meus ilustres professores do campus III, que me ensinaram no decorrer de todos esses anos que ensinar não é só transmitir conteúdos, é ser amigo e companheiro dos seus alunos, a estes dedico todo meu carinho e gratidão, e que possamos no futuro repetir gestos e palavras que um dia nos foram tão fundamentais.

A amiga de sala e vida, Edilane Barbosa que comigo compartilhou lutas e alegrias e dividiu comigo grandes momentos durante esses quatro anos. As colegas de turma que juntas nessa longa caminhada, apesar dos risos, tristezas, de tudo misturado em um só sentimento soubemos até o fim ter vontade de terminar esse sonho, e por todas as dificuldades enfrentadas inseguranças que nos firmaram e contribuíram para nossa experiência, se por acaso lágrimas deslizaram do nosso rosto, só mostra que somos seres humanos sempre prontos a aprender, sensíveis ao ponto de demonstrar nossas emoções a vocês meus sinceros parabéns.

As minhas eternas amigas Renatta Rocha, Giselle Rocha, Talita Pacheco que mesmo longe souberam me ouvir e me ajudar nos momentos, mas difíceis, obrigada por provar o quanto nossa amizade é verdadeira.

A professora Mônica Guedes pela compreensão e sua dedicação que me deu condições de realizar esse trabalho.

Aos professores e alunos que participaram da nossa pesquisa, sem os quais não teríamos desenvolvido o presente trabalho.

Agradeço a todos que participaram dessa minha trajetória, pois aprendi que é difícil traçar uma linha entre ser gentil e não ferir as pessoas e saber lutar por aquilo que acredito, e saber dividir a vitória com todas essas pessoas que nos querem bem sendo assim a conquista não chega a ser só minha e sim de todos nós.

Obrigada.

Se as coisas são inatingíveis... Ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!

Mário Quintana

O presente trabalho se propõe a entender o processo da contribuição da nota na avaliação Escolar da aprendizagem um tema bastante discutido, parte de uma necessidade de saber qual é o verdadeiro papel da nota na avaliação. Diante de várias experiências no cotidiano escolar surge o interesse de estudar como ocorre, o que é levado em conta na hora de aplicar a nota, e se a realidade das escolas é levada em consideração. Portanto realizamos a nossa pesquisa em duas escolas, sendo uma pública e a outra privada. Para tanto aplicaremos questionários destinado juntamente com observações aos professores e aos alunos tendo como base a preocupação de métodos tradicionais atuantes em sala de aula, pois bem sabemos que estamos frente a novos desafios dentre outras questões como, o que é levado em consideração na hora de atribuir uma nota? Os trabalhos como são elaborados? As provas são primordiais nesse processo? O que na verdade se torna mais importante, apenas o ato avaliativo? Após a análise de dados coletados pretendemos contribuir com novas idéias como, possibilidades a revisão da nota no plano de avaliação, refletir valores e expectativas do professor em relação aos alunos. É sabido que ser professor hoje não é tarefa fácil, pois é preciso uma dedicação para com os alunos, aprimoramento profissional e pessoal, uma sensibilidade para que o ato de avaliar não se torne uma tortura, nem algum ato de punição nessa perspectiva nossa linha de pesquisa leva em consideração a afirmação de que o ato avaliativo seja visto como uma oportunidade, enriquecimento, aprimoramento, satisfação e alegria na nossa educação.

Palavras – Chave: Avaliação Escolar. Contribuição. Educação.

ABSTRACT

This study aims to understand the process of assessing the contribution of note in school learning a subject much discussed, part of a need to know what the real role in the evaluation of the note. Faced with various experiences in the daily school motivates the interest to study how it occurs, which is taken into account when applying the note, and the reality of schools is taken into account. Therefore we carry out our research in two schools, one public and one private. For both applications together with observations questionnaires for teachers and students based on the concern of traditional working methods in the classroom because we know that we are facing new challenges and other issues such as what is taken into consideration when a grade? Works as are made? The evidence is paramount in this process? What actually becomes more important, just the act of assessment? After analyzing data collected we hope to contribute with new ideas as possible to review the note on the evaluation plan, reflect values and expectations of the teacher towards the students. It is known to be a teacher today is not easy because it takes a dedication to students, professional development and personal sensitivity to the act of evaluating not become a torture, nor any act of punishment in this view our line of research takes into consideration the claim that the act of evaluation is seen as an opportunity, enrichment, improvement, satisfaction and joy in our education.

Keywords: Assessment. Contribution. Education.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

Introdução	11
Capítulo I – Fundamentação Teórica	13
1.1 Breve Retrospectiva Histórica da Avaliação	13
1.2 Característica da Avaliação Escolar	15
1.3 Procedimentos Auxiliares na Avaliação	18
Capítulo II – A função da Nota na Escola	21
2.1 A Contribuição da Nota na Escola	21
2.2 Possibilitando a Revisão da Nota no Plano de Avaliação	24
2.3 Refletindo Valores e Expectativas do Professor em Relação aos Alunos	27
Capítulo III - Observações das Respostas dos Professores ao Questionário	32
3.1 – A avaliação na visão de Professores e Alunos	32
3.2 – Resposta dos Alunos	36
Considerações Finais	44
Referencias Bibliográficas	45
Apêndice	

INTRODUÇÃO

Este campo de pesquisa que é a avaliação da aprendizagem é um tema bastante discutido no contexto escolar, e desperta o interesse de nós futuras pedagogas em saber qual a importância da contribuição da nota nesse processo. Diante da nossa experiência no cotidiano escolar surgiu o interesse de estudarmos como esse processo da avaliação ocorre no nosso meio educacional.

Partindo desse ponto surge a necessidade de desvelar o processo avaliativo, tomando como amostragem dados de duas escolas que funcionam na cidade de Guarabira – PB optamos por apresentar os resultados em escola que atende a clientela da rede particular e outra publica qual o significado e a contribuição da nota para os nossos alunos.

A nossa pesquisa propõe responder os seguintes questionamentos: de que forma estão sendo feitas as avaliações, qual a opção metodológica que se utiliza para promover a avaliação, identificar as concepções de avaliação que circulam entre os (as) professores, quais as dificuldades enfrentadas pelos educadores no ato de avaliar, detectar a opinião de professores (as) e alunos (as) em relação à nota, verificar a função da nota na avaliação da aprendizagem e os desdobramentos do seu uso.

Para desenvolvimento de nosso trabalho optamos pela pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso, através do qual procuramos observar qual é a real contribuição da nota na avaliação da aprendizagem para alunos e professores da 2ª série do ensino fundamental, em duas escolas 1(uma) pública e 1(uma) privada.

Segundo Luckesi (1995), “a avaliação tem sua origem na escola moderna com a prática de provas e exames”. Sabendo disso, trabalhamos com o estudo de caso observacional, onde o enfoque principal foi a escola e toda sua organização mediante a avaliação.

Os sujeitos da pesquisa, 2(duas) professoras e 30(alunos), foram observados durante 3 meses, sem que precisássemos interferir em seu cotidiano. Nosso foco foi observá-los para que pudéssemos analisar os fatos ocorridos em sala de aula, que tivesse a ver com o nosso tema.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados, a observação e questionários, com questões de múltipla escolha e questões abertas, que foram aplicados às professoras e aos alunos. Como complemento ao questionário, provocamos encontros com os professores, para esclarecimentos sobre respostas e comentários diversos.

Fizemos também, uma pesquisa bibliográfica para dar suporte ao nosso tema e assim pudermos analisar os dados coletados. Consultamos livros, textos, revistas, artigos e pesquisas de teóricos da área.

A análise dos dados não teve como base uma técnica específica, optamos por fazer uma análise simples das respostas, tentando captar as informações mais pertinentes ao nosso tema.

O nosso trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro está a fundamentação teórica, fizemos uma retrospectiva da avaliação, discutimos sobre: a avaliação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sobre as concepções de avaliação, características na avaliação escolar para alguns teóricos como Hoffmann, Luckesi, Vasconcelos, Libâneo, entre outros, situamos também os procedimentos auxiliares na avaliação.

No segundo capítulo apresentamos a função da nota na escola, possibilidades a revisão do plano de ensino na avaliação, refletindo valores e expectativas do professor em relação aos alunos.

No terceiro capítulo, encontra-se os resultados de nossa pesquisa de campo baseados em observação do dia-a-dia da sala de aula e a análise de dados obtidos junto aos sujeitos.

E para concluir nossa pesquisa nos colocamos nas considerações finais fazendo aquela breve reflexão entre teoria e prática, sabendo que nosso trabalho não se encerra quando questionamos sobre a avaliação, e que seja vista os nossos levantamentos como uma contribuição para melhoria na nossa educação.

CAPITULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA AVALIAÇÃO

Avaliar é uma prática bem comum na vida de qualquer ser humano. No cotidiano, no nosso dia-a-dia sem perceber, acabamos por nos avaliar ou fazer a avaliação de alguma coisa ou de alguém.

Na escola, porém, as mudanças quando falamos em avaliação não assumem um significado diferente tão diferente de algum tempo atrás por está arraigado de paradigmas tradicionais onde muitos já pensam em aprovação, reprovação, notas, provas, e vêem o ato de avaliar como forma de julgar o aluno. A escola estabelece seu método de avaliar e desvincula do processo de ensino aprendizagem e orienta-se no sentido de penalizar quem não atingiu o padrão estabelecido utilizando tal prática como instrumento de poder e punição, para garantir do aluno frequência. A avaliação desempenha um papel significativo para o modelo social liberal-conservador, ou seja, o papel autoritário disciplinador.

Segundo Penna Firme (1994), a avaliação, nestes cem anos, passou por 4 (quatro) gerações a saber. Nas décadas de 20 e 30, não se distingia avaliação de medida, o professor tinha um papel totalmente técnico, portanto, testes e exames eram indispensáveis na classificação de alunos para determinar o seu desempenho. Esta primeira geração da avaliação ficou conhecida como mensuração.

Uma segunda geração foi das décadas de 30 e 40, conhecidas como a forma descritiva; surgiu em busca do melhor entendimento do objetivo da avaliação. Buscou-se mais que o aluno alcançasse os seus objetivos com relação aos programas escolares, descrevendo o que seria sucesso ou fracasso com relação aos objetivos determinados. Foi nessa década que emergiu a expressão de Tyler: avaliação educacional.

No início dos anos 60, a avaliação passa a ter um caráter de julgamento, onde além de medir e descrever os conhecimentos dos alunos seria necessário julgar as dimensões dos objetivos. “Aqui o avaliador assumiria o papel de juiz, incorporando, contudo o que se havia preservado de fundamental das gerações anteriores, em termos de mensuração e descrição” (PENNA, 1994, p. 7)

Já na década de 90 o processo de avaliação tem caráter interativo e participativo. É quando se estabelece novas modalidades, momento em que ocorre a interação do educando e

do educador. Nesta geração, a avaliação é um processo interativo, é um apoio ao educador por meio de ações pedagógicas.

A partir das situações colocadas ficou-nos a dúvida: em qual geração nossas escolas e nós professores (as) nos enquadramos? Está é uma das grandes dúvidas que nos rodeiam. Porém a idéia de avaliação libertadora como prática conservadora, e muitas vezes fora de uso e ultrapassada para o momento social o qual o educador e educando estão inseridos nos trás conseqüências de tais práticas, como medo, interferindo no psicológico do aluno desencadeando doenças sem falar no stress desenvolvido por muitas das vezes levando o aluno a desistir da escola.

Percebe-se que no desenvolvimento da prática avaliativa, não encontramos tanta diferença. Nas escolas, o aspecto quantitativo sempre se sobrepõe ao qualitativo; o que na verdade é importante são as notas obtidas pelos alunos. Geralmente o professor não leva em consideração esses aspectos qualitativos e sempre se aproveita de provas e mais provas, para que os alunos possam, assim, se sentir sufocados com tanta nota que até esquecem de saber em que situação foi considerado o seu aspecto qualitativo. Talvez a prova seja o instrumento mais utilizado pelos professores pelo fato de terem muitas turmas e ser mais prático e viável de ser aplicado e corrigido.

Consideramos que as propostas instituídas pela LDB, nada mudaram em nossa realidade escolar, muitas vezes fortalecem a prática da classificação, no sentido em que se acha que estão passando certos conhecimentos e os alunos demonstrando que estão aprendendo quando, na verdade, nada disso é verdadeiro e a base principal que é o de aprender fica esquecida e a necessidade de construir um novo homem crítico e consciente do seu papel na sociedade vai por água a abaixo.

Para que a prática avaliativa mude, ainda precisamos nos desfazer de bastantes paradigmas dos quais muitos acham corretos, sabemos que não vai ser nada fácil mudar em nossas escolas em decorrência de leis, entre outros fatores, mas o compromisso da escola com a vontade de inovar dos professores especialmente em avaliação vai trazer com toda certeza uma melhor compreensão do processo de aprendizagem do aluno. Colocar em evidência tais procedimentos seletivos e excludentes da prática avaliativa é uma importante postura nesse processo.

Desse modo, rever alguns conceitos sobre determinados pontos como avaliação é darmos passos largos diante de nosso ensino, onde nos tornamos conscientes de que o aluno está em primeiro lugar, sem precisar ser excludente, nem muito menos taxativo, o educador

encontra espaço para poder lutar por uma nova mentalidade junto aos alunos e que as provas não sejam mas momentos de tortura e sim um processo do qual o aluno é consciente de desenvolveu durante certo período e apenas vai demonstrar em algumas questões o que estudou. Luckesi (1995, p.172) assim a define:

avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, (...) acolhedor, integrador e inclusivo”. Nessa abordagem não é que estamos considerando o professor um vilão, mas muitos precisam entender que a prática avaliativa se tornará mais agradável com atitudes que tornem o conhecimento como um novo começo e não um fim.

Reforçamos diante desse pensamento a importância de rever a dimensão que é a sala de aula e quantas regras precisam ser quebradas para chegarmos ao ideal quando falamos da avaliação, são atos que os alunos precisam se sentir acolhidos e com desejo de buscar cada vez mais seus conhecimentos. Mas para que isso realmente aconteça o educador tem que demonstrar um significado continuamente de suas metodologias e seus instrumentos utilizados e a partir daí elaborar uma forma mais adequada para promover a avaliação da aprendizagem.

1.2 CARACTERÍSTICAS NA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Quando nos referimos a avaliação, sabemos que é um ato indispensável no âmbito escolar, o que é conhecido e partimos a conhecer a escola por sua vez se vê diante de um grande desafios da prática pedagógica e nós educadores temos que entender que apesar de mostrar nosso trabalho e apresentar o desempenho de nossos alunos de maneira nem uma podemos sufocá-los no momento da avaliação, tirando esse conceito de que sempre o fazemos no sentido de julgar, de atribuir nota, incluir alguns e excluir outros, quando na verdade o nosso único objetivo é fazer com que os alunos aprenda o que ensinamos.

A avaliação é uma prática que se faz necessário no processo de ensino aprendizagem avaliar o aluno é antes de tudo acolhe-lo no seu ser e no seu modo de ser, pois é entendido que a demonstração de ser acolhedor parte e está no sujeito avaliador e não no ser avaliado, sendo assim. A prática encontrada em nossas escolas é bem diferente onde o sistema determina que os professores apliquem aos alunos as provas tradicionalmente escritas ou orais e fazem uma análise naquele momento de forma quantitativa dos alunos, esquecendo-se, portanto do lado qualitativo.

Segundo Libâneo (1994, p. 198) ainda hoje há professores que se vangloriam por deter o poder de aprovar ou reprovar o seu aluno. Esse tipo de afirmação é bem verdadeira pois ainda hoje encontramos em nossas escolas professores que contam determinadas vantagens quando chega ao final dos bimestres em que a maioria dos seus alunos são reprovados nas provas, passando um ar de superioridade e de rigidez, para ele querendo ser reconhecido como um bom educador.

Podemos perceber que esse tipo de demonstração de autoridade está bem equivocado, pois a nota nesse contexto assume um papel classificatório e não educativo. Se levarmos em consideração tais fatores, estaríamos de total excluindo os interesses e as necessidades dos alunos sem confiar nas tentativas de também poder errar e não todo tempo acertar, valorizando as descobertas e transmitindo a segurança de que sempre estamos em processo de aprendizado.

De acordo com Libâneo (1994, p. 198), outro equívoco que o professor comete é usar a nota como uma recompensa para os bons e de punição para os indisciplinados.

Outros equívocos sobre os professores que confiam demais no seu ato de avaliar como muito chamam seu “olho clínico” e já no decorrer dos primeiros dias de aula apontam os reprovados e os que se saíram bem, mostrando que o aluno ele é incapaz de dar a volta por cima ficando totalmente coagido das duas formas, o que se sairá bem nas provas tem por obrigação de sempre acertar e o que não corresponderá com o conhecimento passado pelo professor não tem a mínima capacidade de superar suas expectativas.

Alguns educadores tentam mudar essa visão do ato de avaliar, é aí onde se trava uma grande batalha diante da sociedade e da família dos alunos, onde se entende que as notas altas são as melhores, sem levar em consideração de que maneira o educando conseguiu atingir tal feito, isso ocorre na maioria das vezes nas escolas tradicionais sejam elas particulares ou públicas, é sabido que quando a um índice de notas elevadas ali é um bom lugar para se estudar, quando as notas de qualquer instituição de ensino não são tão satisfatórias ali se torna alvo de muitas críticas onde se pode chegar a dizer que ali nada se ensina, nem se aprende. Alguns educadores até já tentaram eliminar a avaliação, o que na verdade não é possível, pois a avaliação é totalmente dependente de notas, essa deve ser a consciência não é abolir provas, mas sim como são determinadas esse processo.

Desta maneira por ser um tema de bastante conflito, é um dos assuntos mais discutido entre os teóricos. A diante discutiremos sobre algumas concepções de avaliação.

Para Luckesi (1996), “a avaliação é um processo que não se dará num vazio conceitual, mas sim, dimensionada por um modelo teórico de mundo e conseqüentemente, de

educação, que possa ser traduzida em prática pedagógica”. Luckesi acredita que a avaliação deve ser vista como um processo contínuo e nunca como um ponto definitivo de chegada, uma vez que aprendizagem é dinâmica e não estática.

De acordo com a proposta apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2001, p. 81) “a avaliação..., é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento pelo aluno”. Portanto avaliar vai muito além de notas e provas. Avaliação serve para o professor, como uma reflexão da sua prática, mostrando-lhe aspectos que devem ser ou não ajustados; para o aluno a avaliação é a oportunidade de saber sobre suas conquistas, avanços, dificuldades e sobre sua aprendizagem; para a escola possibilita definir suas prioridades e localizar quais aspectos educacionais demandam maior apoio.

Hoffmann (1991) define a avaliação como uma reflexão que se transforma em ação, dentro de um processo contínuo e ininterrupto de ação – reflexão-ação da prática educativa. Para Hoffmann, o educador que reflete a sua prática é aquele que acompanha o seu aluno diariamente e lhe ajuda em todo o processo de aprendizagem, acreditando nas possibilidades do educando como construtor de suas próprias verdades, valorizando suas idéias e interesses.

Para Vasconcellos (1994), “a avaliação sempre faz parte do processo ensino-aprendizagem, pois o professor não pode propiciar a aprendizagem a menos que esteja constantemente avaliando as condições de interação com seus educandos”. Sendo assim para Vasconcellos a avaliação deve ser contínua e o professor deve ajudar o aluno na construção do conhecimento, ajudando-o na hora que ele precisar e não o julgar sempre, o professor deve ajudá-lo na sua formação de cidadão.

Demo (2005), afirma que a avaliação é um instrumento substancial à aprendizagem, uma vez que ela serve para apoiar e cuidar da aprendizagem de cada aluno, com a dedicação diária e diferenciada.

Vemos a avaliação como uma forma de acolher o aluno em suas conquistas e dificuldades, um momento privilegiado de troca de experiências e diálogo. A avaliação escolar deve estar sempre associada com os objetivos, conteúdos, métodos, no plano de ensino desenvolvido no decorrer das aulas.

Dessa forma a avaliação ajuda a formar e a tornar mais claro os objetivos que se quer atingir, não se limitando apenas as notas, indo além no desenvolvimento e capacidade dos alunos sendo instrumento de identificação de novos rumos dos caminhos já percorridos.

1.3 PROCEDIMENTOS AUXILIARES NA AVALIAÇÃO

Para que a avaliação educacional seja definitivamente um suporte para o desenvolvimento do educando, sempre existe procedimentos dos quais podem levar uma avaliação bem sucedida, satisfatória e isso não quer dizer que podemos estabelecer formulas corretas de se avaliar mas com uma boa base de observação podemos sim considerar alguns métodos. Partimos do ideal para o real, quero aqui afirmar que julgo esta uma situação ideal que acredito em suas possibilidades, mas não creio que possa acontecer a principio, na implantação da dinâmica de trabalho com projetos simplesmente por causa dos vícios de nossos alunos, vícios estes que nós mesmos produzimos, dando assim condições de avaliar de uma forma qualitativa tirando o rotulo de poder avaliativo de uma prova.

A avaliação deveria ocorrer de forma natural quase sem reflexão do consciente sem datas e horários preestabelecidos e se possível, sem rotulações de resultados mensuráveis. Uma questão de vontade depende do iniciar e do tentar antes mesmo de predizer sua impossibilidade. Resta apenas saber se aquele professor está realmente preocupado em cumprir 100% de seu conteúdo, independentemente dos resultados, conseguirá incorporar métodos que não visem apenas notas.

Para Gardner (1995), uma avaliação deveria dar informações sobre a capacidade e potenciais dos alunos, de tal forma a dar-lhes um *feedback* sobre suas aquisições assim como proporcionar informações para a comunidade circundante, momento de auxiliar cada vez mais o educador na busca do melhor para a aprendizagem dando sempre o seu melhor.

Levando em consideração que a avaliação de um modo geral deve servir como diagnóstico do progresso escolar do alunado, assim como diagnóstico do professor, a fim de avaliar os aspectos pedagógicos – didáticos. Quando as metas são bem traçadas, e as exigências não superam o verdadeiro objetivo de ensino, partimos de um breve momento de avaliação para o verdadeiro desenvolvimento mental, onde se aprende e se ensina e o conhecimento nunca se apagará mais sempre vai ser lembrado. Uma sociedade com futuro não se constrói senão pela qualidade dos seus educadores e nessa longa caminhada de avaliação nos deparamos com algumas dificuldades de aprender e ensinar e indo além tendo uma satisfação de manifestar por bem tal arte de criar meios para o educando cada vez mais se sentir acolhido ultrapassando seus próprios limites sem constrangimentos, rumo ao que podemos chamar de determinação no processo de avaliação.

Para que essa avaliação não seja precipitada ou tendenciosa e para que extraia dados que permitam um melhor conhecimento dos alunos, para aperfeiçoar o processo de ensino

aprendizagem, o professor deve ter uma atitude criteriosa, apenas tirar conclusões após observar os alunos em várias situações, possibilitando assim a efetuação de uma avaliação fundamentada. A observação visa investigar, informalmente, as características individuais e grupais dos alunos, tendo em vista identificar fatores que influenciam a aprendizagem e o estudo das matérias e, na medida do possível, modificá-los. Esta observação pode ser nas mais variadas situações escolares, já que o professor está sempre interagindo com as crianças.

O erro é uma ocorrência inevitável do processo de ensino aprendizagem, deve-se de certa forma ser considerada, pois é através do erro que podemos encontrar caminhos até chegar ao acerto. O papel do educador não pode encerra-se com a simples correção, que assinala a resposta errada é preciso observar, e a questão começa a ser observada como um desafio e se antes era classificado como um problema agora pode sim muito bem ser solucionado por que está sendo corrigido a quatro mãos levando em consideração as duas partes a do educador parte fundamental e a do aluno que vai descobrindo que através das falhas pode sim chegar ao conhecimento correto.

É fato que pode ocorrer os erros que são provocados por falta de atenção do aluno, mas também é necessário que o educador entenda que esse é um sinal de que as atividades propostas deixam brechas para que eles apareçam. Então é hora de tomar alguma atitude e mudar as estratégias e propor alguns exercícios diferentes que exijam mas do aluno, concentração e despertem curiosidade.

Esse tipo de procedimentos auxiliares nos faz ver a avaliação de outra forma não só considerando a nota como fator principal, assim como apresentada na pesquisa realizada, não é de qualquer jeito para qualquer pessoa muito pelo contrário é a forma passada de conhecimento, e que por muitas vezes é sim compreendida pelo aluno, mas que quando ele é pressionado a fazer uma prova pode vim a não se ter o resultado desejado e essa é a nossa principal preocupação diante da nossa pesquisa se os alunos sabem dos assuntos percorridos durante o bimestre o que os levam atirar notas baixas, acarretando até mesmo uma reprovação esse é um dos momentos de pensar e sentir e o mais importante o de contribuir com o universo de todos os alunos transmitindo significados, participação, cooperação, e um dos principais objetivos que é a autonomia diante das atividades proposta envolvendo a avaliação.

Considerando esse processo de avaliação a investigação para relacionar os saberes dos alunos é mais que importante e necessário nesse desenvolvimento, o momento de experimento não pode ser só demonstrar conhecimentos já apresentados é preciso entender quais materiais ou podemos assim chamar de métodos capazes de desafiar o educando e transformar o momento de avaliação em um conteúdo agradável para as duas partes educando e educador.

Verificamos que a responsabilidade em se abordar e discutir questões tem que partir do professor para que atinja seus objetivos em sala. A escola apresenta-se hoje como uma das mais importantes instituições sociais e mediadoras de valores entre indivíduos e sociedade e sabemos da necessidade que a educação enfrenta como modelo de humanização. Muitas vezes é preciso ter um olhar mais atento quando elaboramos algum tipo de avaliação mecanismos nos quais sabemos que terá conseqüências se não bem colocadas, organizadas e planejadas lembrando que os mais interessados em aprender são os alunos.

Tal qual a aprendizagem de conteúdos, estimular a análise no ato de avaliar com perguntas pertinentes ao que vai ser passado estabelecer um relação entre o aluno o objeto da avaliação que é observar a interação, intervenções trabalhar sempre equipe, distribuindo orientações necessárias durante todo esse processo inesgotável cheio de perspectivas desde as quais podemos abordá-las, também a aprendizagem resultando num bem-querer que é o sabor do saber.

Diante desses procedimentos auxiliares, a aprendizagem é além de tudo muita humana que transborda dentro da sala de aula em momentos de avaliação vícios dos quais estamos sempre aptos a cometer como, conflitos, alegrias, expectativas, recalques, exibicionismo, esperanças, avanços retrocessos, enfim tudo que é humano cremos que a sala de aula deveria ser pensada como árduo caminho que leva da angustia a liberdade, pois ali muito se aprende muito se ensina, são procedimentos que não pode ser abolidos do cotidiano escolar, basta apenas que tenha um novo olhar e mais atento ao que chamamos de avaliação, onde professor não é visto como carrasco e sim como um ajudante para o aluno superar as dificuldades seja elas afetivas ou socializadas.

CAPITULO II

A FUNÇÃO DA NOTA NA ESCOLA

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA NOTA NA ESCOLA

É Muito instigante se deparar com alunos ansiosos no início do ano letivo por não saberem como se dará o processo avaliativo da professora; alunos buscando o tempo todo agradar, demonstrando preocupações por não saberem a nota que irão tirar naquela prova que ainda não foi nem elaborada pelo educador. Esse trabalho do aluno em estar a todo momento “atento” só tem uma finalidade que é a de não chegar a ficar em recuperação pois o que está em “jogo” são suas notas, que devem estar na média. Como bem afirma Vasconcelos (1992, p.60) “enquanto existir nota que reprova, não podemos iludir os alunos, fazendo de conta que ela não existe e no final do ano ele será surpreendido por uma reprovação”.

O educador consciente do processo de uma avaliação deve mostrar ao aluno que sendo esforçado e interessado a aprender, a nota será uma consequência do seu trabalho e dedicação, tornando assim a aprendizagem mais prazerosa para que os alunos não se frustrem diante de uma nota baixa pois o aluno que só se preocupa com a nota que irá “tirar” simplesmente não aprende e muitas vezes apresentam uma memória artificial e, devido à insegurança acaba não conseguindo a nota esperada. “As notas e as provas funcionam como sedes de segurança em termos do controle de exercícios pelos professores sobre seus alunos, das escolas e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas” (HOFFMAM, 1993, p. 26). Tanto controle e mesmo assim as nossas escolas ainda não têm o ensino de qualidade que deviam.

Devemos estar atentos aos alunos, mostrando-os que não se deve estudar apenas para a obtenção de notas, mas principalmente para a apropriação de novos conhecimentos, para a vida, pois como sabemos a boa nota não garante sucesso na vida.

O professor deve mostrar compromisso com os alunos, com a sua aprendizagem. Desde o início o professor deve ficar atento ao aluno, não ficar só pensando em cumprir o programa, dar tempo para que o aluno possa trabalhar em sala de aula. Como muitos professores falam “perder tempo”, é bem melhor do que perder o tempo todo futuramente.

Muitas reprovações seriam evitadas se o professor dedicasse ao aluno dez ou vinte minutos do seu tempo, porém muitos professores seguem sem pensar no aluno e quando param e tentam voltar para resgatá-los já é tarde demais, pois muitos desistiram de acompanhá-lo, ficando assim perdidos pelo caminho.

Hoje o professor centra sua atenção no conteúdo programático, seja sob a pressão da escola ou dos pais, que muitas vezes acreditam que a aprendizagem vai estar em livros e caderno repletos de atividades.

Werneck (2000, p. 45) ao questionar se é possível uma escola viver sem nota e sem reprovação, ressaltou: “alguns dirão que se trata de uma coisa impossível, inominável e, que uma escola de categoria não deve sequer pensar em tal disparate. Dirão que os alunos não estudariam e, no final do curso, ninguém saberá nada”. Ainda para o autor, “é possível trabalhar sem nota. Impossível e negligente é trabalhar sem avaliação” Werneck (2000, p. 48)

Ele ainda afirma que quando a avaliação existe, enquanto processo, as reprovações caem muito e assim podem ser minimizadas.

É preciso repensar essa nota que se tornou uma moeda no sistema escolar. Compra-se tudo do aluno e o pagamento é a nota e para casa vale tanto, a pesquisa vale tanto, chega-se pagar até a sua frequência às aulas e a sua submissão quer dizer, o seu silêncio através da famosa nota de comportamento. Com um tempo os alunos percebem que na escola cada tarefa tem um preço (RABELO, p. 34, 1998).

Portanto, não é para espantarem-se quando o professor passa uma atividade na sala de aula e se ouve um aluno perguntar quantos pontos valem, quantos pontos ele já tem.

Na escola, a prática avaliativa é baseada praticamente no valor quantitativo (notas) onde deveria ser ao contrário, o valor qualitativo é que deveria estar em evidência, pois as notas têm por objetivo registrar os resultados da aprendizagem e não avaliar o aluno julgando-o melhor ou pior.

A avaliação deve ser vista como um contínuo acompanhamento da aprendizagem, assim como um mapa onde é possível acompanhar o real desenvolvimento do aluno, suas conquistas e suas dificuldades. Só assim ao invés de estar a serviço da nota, a avaliação passa a contribuir com a função básica da escola que é o de promover o acesso ao conhecimento de forma crítica e consciente.

É a partir do século XX que deixamos para trás os exames e denominamos de avaliação da aprendizagem toda a prática escolar. Porém na prática, os exames continuam a funcionar por meio das provas que “são os recursos através dos quais os exames escolares são realizados” (LUCKESI, 2005, p. 15).

As provas têm por objetivo julgar e, portanto aprovar ou reprovar os alunos durante a sua vida escolar. Ela também é pontual, pois o aluno deve responder o que sabe no momento da prova, não importando o que ele vai aprender depois, o importante é que no devido

momento da avaliação (prova) o aluno saiba responder ao questionamento feito pelo professor, pois as provas são classificatórias e seletivas, ela seleciona e classifica de acordo com a nota recebida.

As provas são estáticas já que os estudantes em um determinado nível de aprendizagem transformam esta aprendizagem em números, que mais tarde se torna a média. Em um país dito democrático temos dentro da escola uma atitude antidemocrática quando usamos apenas a prova, pois ela exclui os alunos que não conseguem tirar a nota desejada, além do mais o uso dela leva os professores a terem uma prática pedagógica autoritária, já que está em suas mãos um instrumento de avaliação. Através da prova o aluno é simplesmente classificado e o professor verifica apenas a habilidade intelectual dos alunos na assimilação dos conteúdos. “O professor reduz a avaliação à cobrança daquilo que o aluno memorizou e usa a nota ‘da prova’ somente como um instrumento de controle” (LIBÂNEO, 1992, p. 27).

Sendo assim a prática avaliativa nas escolas não passa simplesmente de atribuição de notas. A escola trata a avaliação da aprendizagem como um produto, onde se comercializa a nota e o professor esquece que toda avaliação deve ter como base o aluno e não fazer desse aluno um escravo de notas, onde todo o seu estudo é voltado apenas para a aquisição da mesma. Para Luckesi (2006, p.20) “notas ou conceitos tem por objetivo registrar os resultados da aprendizagem do aluno por uma determinada escola”.

A escola deve lembrar-se sempre que a nota não é a prioridade na vida do aluno, ela não deve confundir a verdadeira avaliação com provas, pois estas muitas vezes causam pânico e medo nos alunos. Quase sempre os professores se utilizam das provas simplesmente com o objetivo de “dar notas”, contudo se pararmos para pensar no verdadeiro objetivo da prova, para que ela serve, veremos que muitos alunos e professores não sabem e a fazem simplesmente por fazer.

Segundo Rabelo (1999, p. 81) “se ela a nota... é apenas um instrumento de terror, de manutenção da ordem ou imposição de forças, se é apenas para classificar pessoas, seria melhor que não existisse”. Portanto, a escola tem que repensar a sua maneira de agir quando o assunto é prova X notas, deixando de lado a questão quantitativa voltando-se mais para o qualitativo de cada aluno.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 determina que a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos, prevaleçam sobre os quantitativos. Da mesma forma, os resultados obtidos pelos estudantes ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados que a nota da prova final.

Para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno, e suas necessidades.

A avaliação de aprendizagem deve ocorrer no dia-a-dia do aluno, da escola, nos momentos vividos pelo professor com o aluno e não apenas nos momentos de provas.

De acordo com Luckesi (2005, p. 17) a avaliação de aprendizagem tem por objetivo diagnosticar a situação de aprendizagem do aluno, visando ajudá-lo a melhorar o seu desempenho. Ela é processual e também diagnóstica já que admite que se o aluno não possui determinado conhecimento naquele momento, ele precisa ser trabalhado e cuidado para que depois alcance esse conhecimento. Está aqui o objetivo da recuperação.

A avaliação da aprendizagem é dinâmica e inclusiva, pois não classifica o aluno, pelo contrário busca meios para que todos possam aprender aquilo que é necessário ao seu desenvolvimento. Também é democrática, na medida em que não exclui ninguém.

Nesta afirmação não está dito que todos têm que ser aprovados, empurrados para a série seguinte, sem ter o domínio dos conteúdos, habilidades, atitudes e capacidades que são básicas para o próximo nível. Também não significa que é trabalho do professor dar oportunidade para que todos tenham sucesso, aprendam e se desenvolvam, utilizando para isto um disposto da lei que é a recuperação paralela ao período letivo e não no final do ano. “A prática avaliativa na escola está a serviço de todos... o que importa é que todos aprendam e, conseqüentemente, se desenvolvam” (LUCKESI 2005, p. 18).

Se pararmos para analisar podemos verificar nitidamente que a maioria de as nossas escolas vêm fazendo são exames e denominando erroneamente de avaliação da aprendizagem. Neste sentido pode-se tomar a posição de construir a partir do que está ai, porque o que está ai, está em mudança permanente e pode ser qualitativamente superado.

2.2 POSSIBILITANDO A REVISÃO DA NOTA NO PLANO DE AVALIAÇÃO.

Sabemos que a avaliação da aprendizagem é uma grande preocupação escolar, pois seus resultados podem ocasionar continuidade dos estudos quando positivos, porém quando os seus resultados são negativos, levam o aluno à repetência e à evasão escolar. Isso causa uma grande preocupação, não apenas para os educadores, mais para a escola, a família, enfim à comunidade, pois quando os alunos passam por repetidas situações de reprovação ficam desestimulados e muitas vezes abandonam a escola, tornando-se, portanto, mais um excluído na sociedade.

Quando paramos e refletimos, percebemos que a avaliação é algo de extrema importância e necessidade, pois oferece ao professor a oportunidade de averiguar se os seus objetivos educacionais foram ou não alcançados, se houve ou não mudança. Além do mais, ajuda o aluno a perceber o seu desempenho intelectual, afetivo etc.

Devemos ter a avaliação não como uma classificação onde o aluno é aprovado ou reprovado, mais sim uma situação diagnóstica onde possamos introduzir melhorias.

Geralmente a avaliação da aprendizagem é usada simplesmente com a finalidade de verificar o nível de desempenho dos educandos em determinado conteúdo. Agindo assim, voltamos à velha prática de excluir através da reprovação. Os professores têm que se conscientizar do seu compromisso para com a escola, assumir a realidade dos seus alunos para que assim possa haver uma transformação.

Muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional, já tão criticada, mas, dentre muitos, desponta sobre maneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos (HOFFMAM, 2001, p. 11).

É necessário que os educadores deixem de associar a avaliação com notas, sucessos, fracassos, promoção, repetência e desistência, mas que se pense na avaliação como instrumento diagnóstico cuja verdadeira preocupação do professor seja com a aprendizagem do aluno e que os erros cometidos por este se traduzam num passo para a busca do crescimento.

No entanto, para o processo da avaliação tornar-se eficaz faz-se necessário a mudança de atitude do professor-educador, realmente preocupado com a avaliação qualitativa e não quantitativa.

Sabemos, pois, que o registro das notas é importante, porém com o passar do tempo houve uma confusão entre nota e avaliação. Como nos diz Luckesi (p.6, 2006) “o que ocorreu historicamente é que notas ou conceitos passaram a ser a própria avaliação, o que é uma distorção”. Sempre há uma confusão quando se trata de nota; alguns dizem que é melhor acabar com as notas para acabar com o problema, porém a questão não é a existência da nota, mas a maneira como ela é produzida e vista pela maioria das pessoas: algo que está em primeiro lugar, não importando o que o aluno aprendeu. Contudo sabemos que o objetivo primeiro deve ser a aprendizagem e não a nota. A nota é uma consequência da sua aprendizagem.

Não podemos confundir o termo nota com a avaliação, pois a nota é uma forma de expressar os resultados de uma avaliação. Portanto, quando um aluno é verdadeiramente avaliado, ele tem com o professor um diálogo, é uma relação onde ambos possam ser questionados e questionadores. Não queremos, pois dizer que a nota deve ser excluída, queremos reforçar que o sistema de notas deve estar voltado para o aspecto qualitativo da avaliação, não deixando de considerar também o quantitativo.

No entanto muitas pessoas ao ouvirem a palavra mudança asseguram que se trata da eliminação das notas da escola, porém isso não é verdade, pois nós temos um sistema de ensino, cuja promoção do aluno, tem base na nota, que não pode simplesmente ser desconsiderado. Esse sistema de promoção pode e deve ser repensado e reformulado.

Consideramos alguns entendimentos de forma a contribuir na melhoria do funcionamento dos nossos métodos em sala nesse sistema em que se considera a nota como primordial, e esse espaço é, então, construído discutido e apropriado por educadores e educandos e dentro dessa concepção, tudo é construção, tudo é processo e , também, tudo é produto, tudo é conteúdo.

A nota não pode estar em primeiro lugar na vida escolar do aluno, nem o professor deve utilizá-lo, como uma arma que impõe medo aos alunos, mas o professor pode e deve transmitir o conhecimento ao aluno e desejar o sucesso escolar deles, sucesso este que deve ser voltado para a sua aprendizagem e jamais para a nota. Em hipótese alguma a nota deve estar acima da aprendizagem.

Partimos do entendimento de que é aquele momento onde se troca e recebe conhecimentos, lembramos logo de uma sala de aula quando falamos em avaliação, vale o ressalve que aprendemos respeito, tolerância, entre outros princípios que levamos por toda uma vida em todos momentos seja na escola ou não, é um processo formativo que contribui na construção de várias áreas de nosso processo educacional que deve ser aplicada para esclarecer e direcionar o que nada se encontrava e o que agora partimos a conhecer.

E com essa linha de pensamento, de sempre termos a idéia que somos capazes de aprender e se doar, vivenciamos momentos oportunos para grandes descobertas e sermos mas reflexivos nas nossas praticas, observadores e estimuladores de novos conhecimentos, partindo de experiências vividas por parte dos professores de no seu próprio convivo com os alunos pode buscar novas possibilidades na revisão da avaliação.

Fazer uma nova relação das notas não é retirar-las, mas é apenas despertar a necessidade de encontrar novos caminhos para que os alunos cheguem até ela, que seja satisfatória sem rotulações nem exageros. Diante disto, trabalhar com tal tema nos traz

consciência de que é muito ainda para ser feito e que é preciso mudanças das quais vejamos resultados.

Quanto às atitudes dos alunos em geral, os problemas são comuns como em todas as escolas, problemas de indisciplina, desrespeito entre colegas, falta de atenção e desinteresse, e tentar resolver tais problemas, a instituição usa de todos os métodos e meios disponíveis, onde na maioria das vezes é apresentados poucos resultados positivos, pois vários fatores contribuem para problemas um deles que podemos destacar é falta de estrutura e apoio da família, ou mesmo na falta de perspectiva para o futuro onde eles não encontram nem mesmo o incentivo da própria escola. Colocando os momentos de avaliação como obrigação e de total desconforto.

Tais considerações é abrir novas possibilidades de uma boa atuação em sala de aula aplicando as avaliações de uma forma construtiva que é isso que os alunos mas precisam desenvolver um aprova e saber as questões com propriedade e um sentido correto do conhecimento fugindo da decoreba que tantos recorrem por achar que as avaliações são momentâneas, depois daquele momento aquelas questões elaboras pelo professor não mas contribuirá para suas vidas, visando apenas uma nota boa ou até mesmo uma mediana com alguns discursos já desenvolvidos “ se eu tirar 7(sete) já ta bom demais o que importa é passar” é dessa idéia que temos que abolir e não a avaliação em si.

2.3 REFLETINDO VALORES E EXPECTATIVAS DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AOS ALUNOS

Ao desenvolvermos a prática do ato avaliativo, percebemos que o educador é de total importância para o desenvolvimento do aluno indagar sobre essa questão é levar em consideração como esses métodos estão sendo aplicados. Valores e expectativas que são criados em relação a tudo que vivemos e na sala de aula não é diferente o professor muitas vezes demonstra uma satisfação em poder responder perguntas de alguns alunos e um aborrecimento em esclarecer a de outros quando isso acontece estamos nos referindo a valores que não podem ser transmitidos a nenhum educando, uma vez que pode interferir na sua capacidade cognitiva ou até mesmo de tirar duvidas simples pois a partir do momento que o aluno é coagido ele não conseguirá desempenhar nem uma atividade satisfatoriamente.

Com aborrecimentos ou não, o educador deve por si estabelecer uma relação coerente a todos em sala de aula, tendo como objetivo principal não a nota que o aluno vai tirar depois do assunto terminado, refletir sobre práticas educativas, o processo de avaliação se torna complexo por que tudo isso está em questão se o produto final é a nota, de que maneira se

chegou a ela esse é um dos nossos principais questionamentos propor que apesar das dificuldades, com bom senso instrução e serenidade ainda é possível perseguir a uma boa avaliação.

Ao observamos as escolas conseguimos enxergar alguns aspectos como esses não sendo satisfatório, pois quando falava-se em prova os burburinhos entre os alunos eram inevitáveis algumas falas como “professora não vou participar dessa atividade” diz um aluno e a professora em seguida logo se coloca falando “ pois desse jeito sua nota vai ser lá embaixo na hora da avaliação geral” e nos perguntamos: Que tipo e de que forma está sendo levado em consideração essa avaliação? É só a participação do aluno naquele momento ou existe toda uma preparação para se chegar a obtenção da nota final.

Sendo assim, ao observar tais feitos por alguns momentos, procediam às avessas, não que exilassem os alunos estudiosos para as filas de trás, mas eles eram convocados para as primeiras fileiras como ato de punição e tortura para os valentões que não admitam tal situação ser vigiado de perto, ter que fingir um difícilimo bom comportamento e ainda demonstrar eu não vou filar na prova perder o prestígio diante dos companheiros.

Voltemos então ao início de que a avaliação é vista como um ato de punição em uma boa medida, todo o esforço, às vezes inteligentes, outras desesperadas das pedagogias colocadas no ato de avaliar, não quer mais aprender tira nota baixa, os princípios e estratégias de relações entre as pessoas que tornem o domínio da norma escolar pelo menos suportável.

Entretanto para que se tenha um novo olhar em relação a esse tipo de prática, neste intuito Vasconcellos (1995, p.13), Nos mostra um quadro de síntese sobre os paradigmas da avaliação.

PARADIGMA	EXCLUSÃO	DEMOCRATIZAÇÃO
Visão de homem	Age sempre baseado em prêmio ou castigo	Pode agir baseado em valores

Visão de Sociedade	Para alguns	Para todos
Visão de Educação	Condicionamento	Formação
Teoria de Conhecimento	Justaposição	Interação
Processo de aprendizagem	Repetição / memorização	Mobilização / Construção Expressão
Metodologia	Meramente Expositiva	Participativa / Interativa
Visão de Qualidade	Meramente Informal	Formal e Política
Horizonte / Perspectiva	Conservação	Transformação.

Se começar a existir tal busca pela mudança no ato de avaliar de forma a não estabelecer pré-conceitos a verificação da aprendizagem como se tornar um ato produtivo onde a um encontro do desconhecido para o saber. É conveniente observar os conceitos de aprendizagem as maneiras empregadas em sala de aula como as relações estão sendo formadas, para que não venham a ser estabelecidos valores e sim uma identidade que se expressa a partir de cada atividade.

O problema principal é entendermos a busca de uma visão de formação do professor no ato de avaliar como um todo, sendo ele flexível e polivalente. Além disso, do ponto de vista legal é possível existirem professores especialistas desde o início do ano letivo para se julgar os alunos como sendo capacitados ou não, para se ter propriedade naquilo que está sendo passado em termos de conteúdos e até mesmo na sala de aula. Diante disto o campo de investigação é vasto, e como criar oportunidades de desenvolver, promover, se capacitar, dominar conteúdos e ganhar autonomia com competência? Perguntas que ainda estamos em busca das claras respostas, mas não nos deixa longe de um campo de investigação. Se já se atua como profissional da educação por que não já ter uma boa qualidade na sua formação? Não é infantilizar o professor, mas construir experiências adequadas que os capacite de maneira a facilitar o futuro dos seus alunos, que são os mais interessados, e se classificado como trabalhador flexível mais que tenha qualidade e relevância para sua vida pessoal e social, contribuindo satisfatoriamente na vida de seus alunos.

A avaliação escolar tem também a função de controle, expressando os resultados em notas ou conceitos. Essas, por sua vez, traduzem de forma abreviada, os resultados do

processo de ensino aprendizagem. A nota ou conceito não é o objetivo do ensino, apenas expressar níveis de aproveitamento escolar em relação aos objetivos propostos. Para tornar a avaliação mais consistente e mais justa, o professor deve assegurar as verificações parciais antes de uma prova bimestral, já que está sozinha não reflete a aprendizagem dos alunos nas múltiplas formas de manifestações.

O educador é um mediador de ensino, ele tem que ir buscar o que está obscuro no aluno, com curiosidade e expectativas por parte dos seus aprendizes diante das atividades escolares de maneira simples inseri-las, a progredir para que adquiram disciplina, personalidade, discernimento e responsabilidade pessoal. Evitar a versão pelo tédio é despertar a capacidade de admiração para que elas não tenham medo de repressão, sejam mais comunicativas e cheguem a alcançar uma percepção diante das várias atividades impostas pelo dia-a-dia da escola, nada lhes será ensinado pelo autoritarismo ou algo parecido.

Dessa maneira, é possível criar um espaço agradável e cheio de interação ouvimos falar em vincular teoria à prática, mas quase não o fazemos, prazer e o esforço espontâneo, são duas metas que os educadores buscam e tentam encontrar, um direcionamento, acompanhamento para que ela tenha bom desenvolvimento nas atividades encontrem o prazer e se esforcem ao máximo para desempenhar sua função. São experiências que jamais serão esquecidas, sempre em busca de qualidades de ensino onde os alunos são os principais beneficiados de todas essas estratégias, que colaboram para suas visões de mundo e construção de pensamentos.

Em um processo de construção no âmbito educacional sem estabelecer perspectivas diante dos alunos uma igualdade que deve contribuir para um objetivo já traçado que se quer alcançar, e que se pode chegar facilmente, onde existem mecanismos democráticos que consigam uma melhor qualidade na educação. Pode-se afirmar que o uso das atividades educacionais de forma avaliativas deve ser mais divulgadas como um grande aliado no início de grandes espaços e setores na escola essa é nossa constante busca na educação, ir além do que é preciso fazer.

A falta de conhecimento diante desses fatos, pode até vetar profissionais que já atuam na área, como forma de subestimar suas capacidades de ensino, envolvendo o que seria mais importante quantidade ou qualidade? Fatores, que são totalmente influenciáveis na produtividade na avaliação e que não reste dúvidas que se deve sempre buscar novas formas de construir um bom ensino sem danificar a qualidade do mesmo.

Pois, bem sabemos que o professor não é só um mero conhecedor de informações lida com vidas é e sempre será exemplo. É possível ainda, estabelecer algumas relações entre

professor e aluno sem competições ou até mesmo o educador parar de exercer o papel de vilão quando vai avaliar tais colocações são constantes em sala de aula pois embora uma escola seja diferente de uma fábrica, em ambas existe a competitividade e tudo isso influencia de maneira diretamente em todo esse conhecimento proposto e estabelecido pelo professor. A educação para se tornar um ato preparador para enfrentar a realidade que exige tanto esforço a flexibilidade educacional mostra que tudo está acontecendo de forma acelerada, a preocupação em frente é se tudo isto está acontecendo com qualidade ou apenas se tem a necessidade de mostrar quantidade esquecendo do mais importante.

CAPITULO III

OBSERVAÇÕES DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES AO QUESTIONÁRIO

3.1 A AVALIAÇÃO NA VISÃO DE PROFESSORES E ALUNOS

O nosso trabalho é uma busca para chegarmos ao entendimento da função da nota na avaliação da aprendizagem. Para entender a sua função no processo de aprendizagem, além dos achados em pesquisas e teóricos da avaliação, surge a necessidade de coletar informações de professores que atuam, nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública e de uma privada.

O instrumento que utilizamos para detectar o conhecimento, a concepção dos professores sobre o papel da nota foi o questionário (APÊNDICE A), cujas respostas passaremos a observar a seguir. Para facilitar a compreensão do leitor identificamos a professora da escola privada por Prof. Rosa e a da escola pública por Prof. Violeta.

Em um primeiro momento, procuramos saber qual a formação dos professores constatamos que a professora que leciona na escola pública tem habilitação em Magistério das séries iniciais e nível médio (científico), portanto não tem uma formação didático-pedagógica. Enquanto que a professora da escola privada tem curso superior em Pedagogia, com habilitação em Magistério das séries iniciais.

Com um segundo questionamento, perguntamos há quanto tempo elas estão na profissão. Ambas informaram que estão há mais de 10 (dez) anos em efetivo trabalho no magistério. Após estas duas questões mais ligadas a dados profissionais introduzimos questões relacionadas à avaliação e nota.

Na questão 3 (três), nós perguntamos: *No momento em que avalia o aluno, que aspectos você leva em consideração?* Nós apresentamos 6 (seis) alternativas (ver questionário APÊNDICE A). Porém analisando esta questão percebemos que ao apresentar as alternativas não demos espaço para que as professoras se posicionassem. Isto ficou claro porque as duas assinalaram as mesmas alternativas, que foram comportamento, frequência, aprendizagem, interesse e participação, não dando margem para sabermos na realidade, o que cada uma considera importante ao avaliar. Porém durante as nossas observações em sala de aula, constatamos que a alternativa que não foi assinalada a *f* (apenas a nota da prova e ou atividades) foi muito considerada em sala de aula. Durante o tempo que ficamos na escola

observamos que ambas as professoras realizam três atividades avaliativas com o objetivo de aferir notas, sendo estas através de provas.

Na quarta questão quisemos saber delas como funciona a avaliação em sala de aula: se como instrumento de controle, aprovação /reprovação ou se para desenvolvimento do aluno. As duas professoras marcaram a alternativa (C) que indica que a avaliação delas funciona como um instrumento para o desenvolvimento do aluno.

Como esta questão não pedia uma explicação não pudemos tirar nenhuma conclusão da veracidade de suas respostas.

Na quinta questão nós indagamos que tipo de avaliação elas costumam adotar. As respostas não foram surpresa porque nós temos observado, atualmente, no discurso do (as) professores (as) a presença da avaliação contínua como único tipo utilizado para realizar a avaliação da aprendizagem.

Nós temos constatado em nossos contatos com colegas professores que a denominação avaliação contínua está se tornando um “chavão” entre profissionais da educação, que nem sempre tem conhecimento do que seja uma avaliação contínua, se tornou modismo dizer que a usa.

A professora da escola privada diz que também realiza uma avaliação qualitativa e a professora de escola pública acrescentou também que usa a avaliação escrita. Em conversa informal com a prof. Rosa sobre o que seria para ela a avaliação contínua, ela nos falou que é uma avaliação que tem por finalidade observar os avanços dos alunos, enquanto que a prof. violeta nos falou que para ela a avaliação contínua é aquela que avalia o aluno através de tudo que ele faz na sala de aula. Daí concluirmos que possivelmente as professoras não têm clareza do que seja avaliação contínua, pois também acrescentam como outros tipos de avaliação a qualitativa e escrita.

O uso inadequado do termo avaliação contínua demonstra ausência de informações das modalidades de avaliação utilizadas no ensino que são: diagnóstica, somativa e formativa.

Nós deduzimos que essa avaliação contínua indicada pelas professoras é uma caricatura da modalidade formativa. O que os professores estão chamando de avaliação contínua não atende as reais funções de uma avaliação*

Quando analisamos as respostas à sexta questão: *que instrumentos você utiliza para avaliar o seu aluno?* Observamos que há uma contradição das professoras em relação à resposta da quinta pergunta, pois os instrumentos que são utilizados em sala de aula para avaliar o aluno são provas e questionamentos. Isto fica claro nas respostas das professoras:

Prof. Rosa: -“Atividades em sala, provas, questionamentos, etc.”

Prof. Violeta: -“Avaliação objetiva e subjetiva”

Percebemos que os professores ainda se prendem na sua maioria às provas. Os instrumentos de avaliação que predominam atualmente podem ser considerados como instrumentos de exclusão, pois existe uma cultura de mensuração que classifica e exclui o aluno e seleciona os melhores em uma visão classificatória e punitiva. Em muitos casos a avaliação é utilizada como um instrumento de controle de comportamento.

Em complementação à questão 6 (seis), procuramos saber na questão 7 (sete) porque elas aplicam esse tipo de instrumento. As alternativas escolhidas foram:

Prof. Rosa: - alternativas *b*(prático para elaborar), *e*(adotado pela escola) *f*(avalia melhor o desempenho do aluno).

Prof. Violeta: - alternativa *e*(adotado pela escola) *f*(avalia melhor o desempenho do aluno).

Quando solicitamos, ainda dentro da questão 7 (sete) que elas explicassem a(s) alternativa(s) assinaladas, apenas a Prof. Rosa explicou:

Prof. Rosa -“São métodos corretos, onde podemos avaliar de forma justa e correta os nossos alunos”.

Detectamos nessa explicação que a referida professora confundiu instrumento com método e ela está consciente de que faz uma avaliação justa dos seus alunos.

Na questão 8 (oito) perguntamos se a escola adota o sistema de recuperação, ambas responderam que sim. Na mesma questão perguntamos como é feita essa recuperação e obtivemos as seguintes respostas:

Prof. Rosa: -“Fazemos a recuperação paralela, caso não alcance a nota ideal, fazemos uma recuperação no fim de cada bimestre.”

Prof. Violeta: -“Após cada nota abaixo da média do aluno.”

Como é possível observar através das respostas das professoras, elas não deixam claro como é feita a recuperação, mas sim em que momento elas acontecem.

Na nona questão perguntamos: *Você acha que a prova é o melhor meio para se verificar a aprendizagem do aluno? Por quê?* Ambas responderam que não. Vejamos as respostas:

Prof. Rosa: -“Não porque fazendo uso apenas desse meio estou classificando de forma injusta os meus alunos.”

Prof. Violeta: -“Não porque através da participação, do interesse que se verifica a aprendizagem do aluno.”

Através das respostas constatamos a consciência que as professoras têm de que a prova não é a melhor maneira de se avaliar. É uma lamentação que na prática, nem sempre, essa teoria funcione.

Procuramos saber também (questão 10) indagamos: *Quantos momentos avaliativos são realizados por bimestre?* Mais uma vez as respostas coincidem, pois as duas professoras realizam 3 (três) momentos avaliativos. Porém, quando perguntamos se esses momentos avaliativos são apenas para dar notas, as professoras emitem opiniões diferentes, vejamos:

Prof. Rosa: -“Não apenas para dar nota, mas para verificar a aprendizagem dos alunos”.

Prof. Violeta: -“Sim, pois é preciso que o aluno tenha as notas”.

Quanto à décima primeira questão: *Qual a sua sistemática de correção e de aferição da nota?* Obtivemos as seguintes respostas:

Prof. Rosa: -“Procuro estar atenta ao retorno de suas atividades, seja ela qual for, fazendo intervenções quando necessário atribuindo-lhe a nota alcançada”.

Prof. Violeta: -“Cada questão com dois itens. Valendo 2 pontos geralmente são cinco questões”.

Percebemos que a Prof. Violeta citou apenas como define o valor das questões, não deixando claro que aspectos ela considera na correção e com poucas informações para nossos propósitos. Talvez a pergunta não tenha sido bem formulada.

Já na décima segunda questão perguntamos se a nota é importante e ambas responderam que não. Na mesma questão perguntamos se é possível avaliar sem nota e mais uma vez foram unânimes em suas respostas dizendo que sim, na justificativa acrescentaram:

Prof. Rosa: -“Podemos sim avaliar o aluno sem nota, através de uma avaliação contínua, o nosso único impasse é que a escola nos exige uma nota”.

Prof. Violeta: -“Sim porque o aluno é avaliado pelo interesse e pela aprendizagem”.

Porém, na prática percebemos que a nota é importante para os professores, pois além do sistema educativo exigir a nota, os próprios alunos estão acostumados a tê-las.

Na décima terceira questão questionamos sobre o que elas acham do sistema de notas como forma de avaliar e obtivemos as seguintes respostas:

Prof. Rosa: -“Acho que deveria ser extinto, pois esta forma só classifica(desde que seja a única forma) e elimina os alunos”.

Prof. Violeta: -“Bom. Pois o aluno quer sempre ver e cobra as notas”.

Analisando as respostas acima percebemos que a Prof. Violeta não justificou sua resposta e ao responder falou apenas sobre o que o aluno gosta, deixando margem para

maiores explicações. Já a Prof. Rosa foi muito clara ao responder que se a nota for o único meio de avaliar é melhor que seja extinta. Com certeza a nota é apenas uma forma de classificar e julgar o aluno, o que deve ser levado em consideração não é a nota do aluno, mas a sua aprendizagem.

Na décima quarta questão perguntamos: *Você faz avaliação do seu trabalho? Como?* As duas professoras responderam que sim, porém, a Prof. Violeta não deixou muito claro como é feita essa auto-avaliação, isso é possível observar nas respostas a seguir:

Prof. Rosa: -“Sim. Vejo e analiso o que foi positivo ou negativo no meu trabalho, procurando aperfeiçoar seus métodos”.

Prof. Violeta: -“Sim. Pois todo trabalho deve ser avaliado, através de perguntas.”

Finalizando o nosso questionário perguntamos na décima quinta questão: *Você realiza avaliação qualitativa? Como? Qual o objetivo dela? Em que ela contribui para a nota global?* A Prof. Violeta optou por não responder e obtivemos a seguinte resposta da Prof. Rosa: -“Sim. Avaliando o aluno por inteiro, seus escritos, suas intenções verbalizadas, seus erros e seus êxitos, ou melhor, sua caminhada na escola”.

Como é possível observar na questão acima a Prof. Rosa não explicou o objetivo da avaliação qualitativa e nem a sua contribuição para a nota global. Percebemos que na décima quinta questão houve muitos questionamentos e talvez isso possa ter dificultado ou complicado para a resposta da professora.

As posições das professoras foram de total importância para o desenvolvimento do nosso trabalho, nos mostrando um conhecimento da realidade escolar, já que na maioria das vezes a prática é bem diferente da teoria.

Diante dos relatos das professoras foi possível chegar a essa afirmação que fora da escola todos consideram a nota fundamental e base principal na avaliação, mas que por aqui fica em segundo plano, porém no cotidiano escolar, a nota está sempre em primeiro lugar, sem levar em consideração o que verdadeiramente importa que é o desenvolvimento do aluno diante dos conhecimentos passados em sala de aula e também vista como um apoio na hora de punição.

3.2 RESPOSTAS DOS ALUNOS

Da mesma forma que sentimos necessidade de coletar informações junto aos professores, percebemos que seria importante também obter informações dos alunos para detectar a sua percepção do processo de avaliação e também a questão da nota.

Iniciamos o questionário com 3 (três) perguntas relacionadas a escola, para ter uma noção de como o aluno a vê. Para facilitar a nossa análise e a compreensão do leitor, os sujeitos estão identificados da seguinte forma: alunos da escola pública por números e os alunos da privada por letras maiúsculas.

Na primeira pergunta indagamos sobre *o que o aluno mais gosta na escola*: Obtivemos dos alunos da escola públicas respostas bem diferente. 35% dos respondentes apresentaram vários elementos em suas respostas, por exemplo: gostam de fazer tarefas, de brincar, de estudar, participar da aula, de ler, da Tia, de escrever, pintar e fazer desenho; 20% dos alunos afirmam que só gostam de estudar; 20% gostam de aprender; 10% apontaram que só gostam de fazer tarefa; 5% o que mais gostam na escola é de brincar; mais 5% gostam de ler e por fim mais 5% de escrever.

Analisando as respostas dos sujeitos da escola privada 40% dos respondentes o que mais gosta na escola é da professora; 10% gostam do pátio; 10% afirmam que gostam de provas e deveres; 10% da sala de aula; 10% gostam de brincar e dos professores; outros 10% gostam de brincar, passear, fazer tarefas e muito mais e por fim 10% apontaram que o que mais gostam na escola é de se comportar.

As respostas das crianças tanto da escola pública quanto da escola privada, quanto a pergunta 1 (um), demonstram que os alunos não tem muita clareza (ou nenhuma) de qual seja a real função da escola. Com isso não estamos desconsiderando o ponto de vista de cada aluno, mas quando checamos o total dos sujeitos, percebemos que apenas 13,3% o que mais gostam na escola é de estudar, 6,7% gostam de fazer tarefa, 13,3% gostam de aprender e 66,7% tem as mais diversas preferências em relação ao que mais gostam na escola.

Quando analisamos a segunda pergunta: *O que ele não gosta na escola*, constatamos que os sujeitos da escola pública 30% não gostam da bagunça; 25% não gostam das conversas; 10% não gostam do recreio e 25% não gostam de arengar, de brigas, de fazer intriga entre os amigos e bater no colega e 10% não gostam da escola.

Já os alunos da escola privada, 30% não gostam da bagunça; 30% não gostam de brigas, 20% não gostam de brincar, 10% não gostam do barulho e 10% diz gostar de tudo. Analisando no geral as duas realidades observamos que: 33,3% não gostam de bagunça; 26,7% não gostam de brigas e 40% do total dos sujeitos apresentaram diversos motivos do que não gostam.

Na questão 3 (três): *Como você queria que fosse a escola*, 65% dos alunos da escola pública, assinalaram a alternativa (C) onde o aluno aprendesse sem pensar que seria avaliado; 20% assinalaram a alternativa (B) não houvesse notas; 5% assinalaram todas as alternativas,

donde podemos concluir que eles não gostam da escola e 10% assinalaram as alternativas (A) não houvesse aulas e (C) onde o aluno aprendesse sem pensar que seria avaliado.

Quanto aos sujeitos da escola privada 80% assinalaram a alternativa (C) e 20% a alternativa (B).

Quando analisamos o total das respostas dos sujeitos detectamos que 70% assinalaram a alternativa (C), 20% a alternativa (B) e apenas 10% a alternativa (A).

Ao analisar a quarta questão: *Como você gostaria que fosse a avaliação*; 45% dos alunos da escola pública responderam que gostariam que a avaliação fosse fácil; 30% gostariam que fosse boa e 25% tem as mais diversas opiniões.

Os alunos da escola privada responderam que: 40% gostariam que a avaliação fosse fácil e boa; 10% gostariam que fosse fácil; 10% gostariam que fosse fácil e com nota boa; 10% gostariam que fosse melhor; 10% gostariam que fosse de comportamento, 10% gostariam que você boa, outros 10% gostariam que fosse do mesmo jeito.

Ao analisar o total das respostas constatamos que 33% dos sujeitos respondentes gostariam que a avaliação fosse fácil; 35% gostariam que fosse boa e 32% dos alunos apresentaram diversas respostas sobre como gostariam que fosse a avaliação.

Ao analisarmos as respostas desses alunos percebemos que a grande maioria tem dificuldade na maneira como os professores avaliam, já que eles querem é que a avaliação seja fácil e boa, o que nos deixa entender que a avaliação é difícil e ruim.

Na quinta questão perguntamos: *Para você o que significa a avaliação*; a grande maioria dos alunos da escola pública, um total de 60% responderam que significa uma prova; 30% responderam que é uma tarefa e 10% responderam que não sabem.

Os sujeitos respondentes da escola privada disseram também em sua maioria, 90%, que é uma prova e 10% que são notas.

Analisando as duas situações constatamos que 70% dos alunos conhecem a avaliação como prova; 23% têm a avaliação como uma tarefa e nota e os outros 7% se dividiram entre notas e que não sabem. Através das respostas acima percebemos a idéia de que os alunos têm sobre avaliação.

Ficou nítido através da maioria das respostas obtidas pelos alunos que a avaliação não passa de uma prova, ou seja, uma tarefa que fazem com o único objetivo de receber uma nota, para que através dessa nota se consiga passar para a série seguinte, não importando se houve ou não aprendizagem. Sabemos que a prática da avaliação em nossas escolas tem sido criticada, sobretudo por reduzir-se a função de controle mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram principalmente em

provas. A avaliação não se resume em uma simples aplicação de provas ou obtenção de notas, mas sim em analisar e observar o dia-a-dia do aluno, seus avanços e conquistas, pois a avaliação acontece em todos os momentos do cotidiano. É quando o professor acompanha o desempenho e o progresso, as dificuldades e os avanços de seus alunos. Através dos dados apresentados percebemos que os alunos relacionam a avaliação apenas com a prática utilizada pelos professores em dar notas e classificá-los.

Na questão de número 6 (seis) foi perguntado: *Você vai sempre à escola nos dias de avaliação?* Os alunos foram unânimes em sua resposta, todos assinalaram que vão à escola. Ao justificar a resposta, 20% responderam que não falta porque gosta das avaliações; 10% porque é um direito; 15% porque é bom; 10% porque não falta nenhum dia; 20% para aprender; 10% para não ser reprovado e 15% tiveram opiniões diferentes.

Quanto aos respondentes da escola privada 100% não faltam no dia das avaliações. Na justificativa 30% disseram que não faltam porque não gostam de fazer a prova em outro dia; 20% porque é importante; 20% porque são legais e fáceis; 10% porque é estudioso; 10% porque não está doente e 10% porque é melhor não faltar no dia de prova.

Analisando o total dos sujeitos constatamos que 100% não faltam em dias de avaliações. Na justificativa é possível observar diversos fatores: de crianças que vão porque gostam a crianças que só vão porque a mãe manda.

Na sétima questão perguntamos *como se sentem no dia que vai ter prova*; 35% da escola pública responderam que bem; 30% responderam que se sentem alegres; 10% nervosos; 10% animados; 5% pensativos; 5% com sorte e 5% normais.

Na escola privada 20% se sentem nervosos; 20% ansiosos; 30% felizes; 10% bem e 10% sábios. Analisando as respostas das duas realidades constatamos que 30% dos respondentes se sentem felizes; 26,6% se sentem bem; 13,3% se sentem ansiosos; 10% nervosos e 31,1% sentem diversos sentimentos. As professoras usam a prova como forma de ameaça, foi o que observamos nas duas realidades; tanto na escola pública quanto na escola privada as professoras antes de entregarem as provas sempre ameaçam os alunos com palavras como: “se o comportamento não for bom, não vai tirar nota boa na prova”; “preste atenção na aula para não tirar nota baixa”, etc. Sempre, em todos os momentos usam a prova como um instrumento de ameaça e punição.

Na questão de número 8 (oito) quisemos saber: *Você acha certo a professora baixar a sua nota por que você não obedeceu?* 80% dos respondentes da escola pública, responderam que sim e apenas 20% não concordaram. Quando solicitamos que eles explicassem a resposta. Alguns dos que concordam disseram:

Aluno 13: -“Porque eu desobedeci a professora”.

Aluno 1: -“Porque eu quero ser avaliado”.

Aluno 9: -“Porque eu não prestei atenção”.

Os alunos que não concordam disseram:

Aluno 2: -“Porque eu não fiz a tarefa”.

Aluno 4: -“não sei”

Percebemos que os alunos que concordaram que a professora baixe a nota têm mais argumentos do que aqueles que não concordam.

Na escola privada 90% dos alunos concordaram que a professora baixe a nota; apenas 10% não concordaram. Ao justificar sua resposta o aluno J diz: - “só porque a pessoa não obedeceu não é preciso tirar ponto na prova”. Já o aluno B diz: “porque eu fui teimoso”. Constatamos que muitos alunos ainda não têm consciência do dever do professor, porém, outras já têm consciência quanto ao comportamento na escola.

Na nona questão perguntamos se *a professora corrige as atividades* e 100% dos alunos respondentes da escola pública e privada disseram que sim, a professora corrige. Na mesma questão pedimos que justificassem e 55% dos alunos respondentes da escola pública deram diversas opiniões como:

Aluno 18: -“porque é certo”.

Aluno 11: -“ela é boa”.

Os outros 45% não justificaram com respostas lógicas e sem letra legível.

Os alunos da escola privada justificaram dizendo que a professora corrige porque é certa, educada, atenciosa, porque é o trabalho dela etc.

Verificamos ao analisar as duas realidades que muitas vezes as atividades realizadas pelas crianças são atos mecânicos onde os alunos fazem sem saber para quê ou por quê, não sabendo o verdadeiro motivo de a professora corrigir as suas atividades.

Na décima questão perguntamos se *o aluno concorda com as notas que a professora coloca nas provas e /ou atividades* 95% dos sujeitos da escola pública concordaram e na justificativa dizem:

Aluno 1: -“por gosto da professora por ela misina a escrefe in a le”.

Aluno 16: -“porque ela coloca a nota que o aluno mereceu”.

O aluno que não concorda justificou dizendo que não gosta, pois suas notas geralmente estão abaixo da média.

Na escola privada obtivemos 100% de aceitação para com a nota que a professora coloca. Vejamos alguns depoimentos:

Aluno G: -“sim porque agente deve respeitar a nossa nota”.

Aluno F: -“concordo. Porque as vezes está errado e ela corrige bem direitinho”.

Verificamos com os depoimentos obtidos que as crianças não são avisadas para que são colocadas as notas, ou melhor, tem a nota como uma forma de saber em que grau está o seu nível de aprendizagem.

Na questão 11 (onze) quisemos saber *se as notas geralmente estão na média*; obtivemos dos alunos da escola pública que 55% estão na média e 45% não. Já na escola privada apenas 30% assinalaram que estão na média e 70% não.

Conhecendo a realidade da escola privada podemos afirmar que as notas dos respectivos alunos geralmente estão na média, acreditamos que os alunos interpretaram de maneira errônea a nossa pergunta.

Analisando as duas realidades constatamos que 46,6% dos respondentes estão na média e 53,3% não, ou seja, mais da metade não estão com notas na média.

Na décima segunda questão perguntamos: *Você fica feliz ou triste quando sua nota não está na média?* 55% dos respondentes da escola pública disseram que ficam tristes; 25% ficam felizes; 22% não souberam responder ou não entenderam a pergunta.

Na escola privada 70% dos sujeitos ficam tristes; 20% ficam felizes; 10% são souberam responder ou não entenderam a pergunta.

Na mesma questão foi solicitado que justificassem a resposta. Vejamos alguns depoimentos:

Aluno 3: -“fico feliz porque tem quem coloca”.

Aluno 7: -“fico triste porque quero passa”.

Aluno H: -“fico feliz porque para mim isto importa muito”

Aluno J: -“triste porque eu gosto de nota”

Observando então as duas escolas temos que 60% dos alunos ficam tristes quando tiram notas baixas; 23,3% ficam felizes e 16,7% não souberam responder ou não entenderam a pergunta.

Entendemos que a nota é vista como algo de muita importância, em alguns casos é a tradição que a sustenta. Muitos professores esquecem o verdadeiro papel da avaliação e confundem-na com a nota, fazendo com que o aluno se habitue a ir à escola apenas com o objetivo de receber nota fazendo da educação uma educação bancária.

Na questão 13 (treze) perguntamos *se a professora faz muitas atividades para nota*. Os alunos respondentes da escola pública, 90%, responderam que sim; 10% que não. Enquanto

que na escola privada 60% dos alunos respondentes disseram que a professora faz muitas atividades e /ou provas para nota e 40% disseram que não.

Juntando as duas realidades verificamos que 80% dos alunos consideram que são feitas muitas atividades e apenas 20% consideram as atividades poucas.

Na décima quarta questão perguntamos: *Você acha ou fácil ou difícil as provas e atividades aplicadas pela professora?* 55% dos sujeitos da escola pública responderam que acham fácil; 30% difícil e 15% não responderam de acordo com a pergunta.

Na escola privada 90% dos sujeitos respondentes acham fáceis e 10% não responderam de acordo com a pergunta.

Observando as duas realidades constatamos que 66,6% dos alunos acham fácil; 30% difícil e 13,4% não responderam de acordo com a pergunta.

Na mesma questão foi solicitado que justificassem a resposta; 35% dos que acham fácil disseram que a professora passa a prova fácil; 20% deram diversas justificativas: fácil porque lê, fácil porque sabe tudo, fácil porque a professora dá prova fácil. Dos alunos que acham a prova difícil, 20% responderam que as perguntas são difíceis para o aluno e os outros 80% deram diversas justificativas, como, por exemplo, acham a prova difícil porque erra, só gosta da prova de matemática, etc.

Os alunos da escola privada que acham a prova fácil justificaram de diversas maneiras: 10% disseram que é fácil porque estuda; 20% porque todos acham fácil; 10% porque é bom; 10% porque aprende mais; 10% porque a professora explica bem; 10% porque gostam de atividades; 10% porque são divertidas e 20% não justificaram.

Analisando as duas realidades percebemos que 10% acham fácil porque todos acham fácil; e 90% do total dos alunos apresentaram diversas justificativas.

Na questão de número 15 (quinze) perguntamos: Quando você tira nota baixa a professora faz recuperação? 80% dos alunos da escola pública assinalaram que sim e 20% que não. 80% dos alunos da escola privada também responderam que a professora faz recuperação; 10% responderam que não e 10% assinalou sim e não.

Analisando o total de sujeitos detectamos que 80% assinalou que a professora faz recuperação; 10% disse que a professora não faz recuperação e 10% assinalou as 2 (duas) alternativas.

Na mesma questão pedimos que justifiquem a resposta. Ao analisar os questionários percebemos que a maneira como a pergunta foi elaborada pode ter confundido o aluno no sentido de que alguns se referiram à recuperação individual não levando em consideração o restante da turma.

Dos alunos da escola pública que responderam que a professora faz recuperação, 25% justificou que a recuperação é feita porque mereceu; 20% diz que a professora faz provas ou atividades; 30% deram diversas justificativas e apenas 5% não soube justificar. Dos alunos que responderam não, 5% justificou que é porque a professora não faz; 5% porque ela não gosta; 5% porque os alunos não prestam atenção; 5% não souberam responder.

Os alunos da escola privada responderam: 30% disseram que a recuperação é igual a prova; 10% responderam que a recuperação é diferente da prova; 10% responderam que a recuperação é fácil; 10% responderam que não faz recuperação pois estuda e 40% deram diversas respostas.

Assim como as respostas das professoras foram de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho, as respostas dos alunos também bastante satisfatórias, de forma que podemos encontrar os pontos de dificuldades dos alunos com relação à avaliação da aprendizagem através da nota, iniciando pela própria avaliação, que para a maioria resume-se em uma prova e/ou nota.

Encontramos também através dos questionários aplicados que não houve grandes diferenças entre as respostas dos alunos da escola pública e os alunos da escola privada. Dando abertura para novas estratégias, que verdadeiramente liberta da ignorância, trás o desafio da convivência que apresenta respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho entendimento, e que a avaliação seja vista como uma oportunidade, enriquecimento, aprimoramento, satisfação e alegria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, este longo trabalho foi realizado com complicações e implicações que serviram para ajudar em nosso crescimento profissional, pois, a avaliação da aprendizagem escolar vem sendo objeto de constantes pesquisas e estudos, visando o melhoramento do rendimento dos educandos, sendo ela parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. Tivemos como base duas escolas onde tudo acontece de verdade e vidas estão o tempo todo olhando para você a procura de um novo conhecimento.

O exercício diante de tudo que foi vivido foi rico e inovador, onde conhecimentos teóricos do corpo da Universidade entram em uma escola pública e privada, e se mostra um envolvimento de parceria, em que até os aspectos negativos tornam-se positivos diante da dimensão da construção do saber. Diante disto percebemos que a avaliação precisa ser analisada sob novas perspectivas, ser assumida como um instrumento de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem.

Após concluir o nosso trabalho podemos entender que, os alunos associam a avaliação à obtenção de notas; que os professores continuam utilizando a prova como o instrumento mais confiável e adequado ao momento avaliativo; que os mesmos continuam com uma concepção tradicional da avaliação, resistindo a novas mudanças; que eles usam a avaliação como instrumento de poder e controle.

A pesquisa possibilitou validar o nosso interesse diante do processo da nota na avaliação, em que a escola pode e deve buscar novos caminhos para dissolver seus conflitos contribuindo numa melhor aprendizagem interagindo e trocando experiências de forma qualitativa visando sempre aperfeiçoar suas ações didáticas. A contribuição da nota para a avaliação deve servir apenas como um suporte, pois a avaliação no sentido geral não se resume nem se limita a uma aplicação de prova nem muitos menos a atribuição de notas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Custórdio Luis S. de. **Avaliação como aprendizagem de cidadania**. In: Revista de Educação. AEC. nº 94, jan/mar, 1995.
- BRASIL, **Leide Diretrizes de Bases da Educação (LDB)**. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
- DEMO, Pedro. **A Nova LDB: ranços e avanços**. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
Ser professor é cuidar para que o aluno aprenda. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A produção de ignorância na escola**. São Paulo: Cortez, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 7ª ed. Porto Alegre-RS: Mediação. 1996.
- HOFFMANN, Jussara M. Lerch. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1985.
- LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação Escolar: Julgamento ou Construção?**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LIBANÊO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.
- LIMA, Elvira Souza. **Avaliação na Escola**. Ed. Sobradinho 107. 2005.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?**. In: Revista Pátio. nº 12, fevereiro 2000. Ed. Artemed, ano 4.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **A Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- MANSUR, O. M. F. de C e MORETTO, R. A. **Aprendendo a Ensinar**. São Paulo: Elevação, 2000.
- OSAMSKI, Cecília. **Avaliação e poder: disciplinar e/ou transformar?**. In: Revista de Educação AEC, nº 94, jan/mar, 1995.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental, 3ª ed. Brasília: A Secretária, 2001.
- PENNA, Thereza Firme. **Avaliação: tendências e tendenciosidades**. In: Ensaios, vol 1, nº. 2, 1994.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação**: novos tempos, novas práticas. 2ª ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 1999.

Revista **Avaliação** (Campinas) vol.12 no.2 Sorocaba June 2007

ROMÃO, José Custódio. **Avaliação Dialógica**: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1998.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e prática de avaliação e reformulação de currículo. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

STREHL, Afonso. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio**: subsídios para os alunos e professores, de acordo com a lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. LDB. 1ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

SILVEIRA, Maria Helena. **Para falar de aprendizagem**. In: Salto para o futuro: educação do olhar. Vol 2, Secretaria de Educação à Distância. Brasília- Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

OSAMSKI, Cecília. **Avaliação e poder**: disciplinar e/ou transformar?. In: Revista de Educação AEC, nº 94, jan/mar, 1995.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **A Avaliação**: concepções dialética libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Cadernos Pedagógicos da Liberdade, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WERNECK, Hamilton. **A Nota Prende, a Sabedoria Liberta**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

APÊNDICE

CARTA DESTINADA AOS PROFESSORES

Guarabira, Agosto de 2011

Prezado(a) Professor(a)

O presente questionário faz parte de meu Trabalho de Conclusão de Curso e para que ele se conclua preciso de sua participação.

Este trabalho tem como objetivo geral, desenvolver uma análise sobre a concepção teórica-prática “**A CONTRIBUIÇÃO DA NOTA NA AVALIAÇÃO**” possibilidades para uma nova forma de avaliação, a partir da observação da prática pedagógica dos professores, numa escola da rede particular e de Ensino público da nossa cidade de Guarabira-PB.

Para o bom desenvolvimento dessa pesquisa, peço sua colaboração no sentido de responder com a máxima clareza as questões do questionário, de tal forma que suas respostas expressem suas posições com relação ao tema tratado. Desde já agradeço sua contribuição, porque ela será de extrema importância para que os objetivos deste trabalho sejam atingidos.

Desde já, obrigada por sua colaboração.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CAMPUS III - GUARABIRA
COMPONENTE CURRICULAR: TAO (Trabalho Acadêmico Orientado)
ORIENTADORA: Mônica De Fátima Guedes de Oliveira.
ORIENTANDA: Jonázia Lemos da Silva

Aplicação do Questionário- Professoras

Caro professor

Estou elaborando uma monografia (Trabalho Acadêmico Orientado) em cumprimento às exigências do Curso de Graduação, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Para tanto necessito de informações sobre a relação da avaliação da aprendizagem e a nota em sua sala de aula. Solicito encarecidamente, que responda às questões apresentadas de forma clara e objetiva.

Grata pela colaboração.

Assinale com um X a(s) alternativa (s) que responde(m) às perguntas a seguir.

1) Qual a sua formação?

- a) () Ensino Médio Completo
- b) () Ensino Médio Incompleto
- c) () Curso Superior Completo
- d) () Curso Superior Incompleto
- e) () pós-graduação

2) Há quanto tempo está em sala de aula?

- a) () De 1 a 5 anos
- b) () De 5 a 10 anos
- c) () Mais de 10 anos

3) No momento em que avalia o aluno, que aspectos você leva em consideração?

- a) () comportamento
- b) () frequência
- c) () aprendizagem
- d) () interesse
- e) () participação
- f) () apenas a nota da prova e/ou atividades

4) Sua avaliação funciona como:

- a) () um instrumento de controle
- b) () um instrumento de aprovação/reprovação
- c) () um instrumento para o desenvolvimento do aluno

5) Que tipo de avaliação você costuma adotar?

6) Que instrumentos você utiliza para avaliar o seu aluno?

7) Por que você aplica esse(s) tipo(s) de instrumento?

a) () único que conheço

d) () preferido pelo aluno

b) () prático para elaborar

e) () adotado pela escola

c) () prático para corrigir

f) () avalia melhor o desempenho do aluno

Explique a(s) alternativa(s) assinalada(s).

8) A escola adota o sistema de recuperação? Como é feita?

9) Você acha que a prova é o melhor meio para se verificar a aprendizagem do aluno? Por quê?

10) Quantos momentos avaliativos você realiza por bimestre? Eles são apenas para dar nota? Justifique?

11) Qual a sua sistemática de correção e de aferição da nota?

12) A nota é importante para você? É possível avaliar sem nota? Por quê?

13) O que você acha do sistema de notas como forma de avaliar?

14) Você faz avaliação do seu trabalho? Como?

15) Você realiza avaliação qualitativa? Como? Qual o objetivo dela? Em que ela contribui para a nota global?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CAMPUS III - GUARABIRA
CURSO DE PEDAGOGIA
COMPONENTE CURRICULAR: TAO (Trabalho Acadêmico Orientado)
ORIENTADORA: Mônica De Fátima Guedes de Oliveira.
ORIENTANDA: Jonázia Lemos da Silva

Aplicação do Questionário- Alunos

Caro aluno (a)

Estou elaborando uma monografia (Trabalho Acadêmico Orientado) em cumprimento às exigências do Curso de Graduação, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Solicito encarecidamente, que responda às questões apresentadas de forma clara e objetiva.

Grata pela colaboração.

1) O que você mais gosta na escola?

2) E o que você não gosta?

3) Como você queria que fosse a escola?

a) () Não houvesse aulas

b) () Não houvesse notas

c) () Onde o aluno aprendesse sem pensar que seria avaliado.

4) Como você gostaria que fosse a avaliação?

5) Para você o que significa a avaliação?

6) Você vai sempre à escola no dia das avaliações?

() sim

() não

Por quê?

7) Como você se sente no dia em que vai ter prova?

8) Você acha certo a professora baixar a sua nota por que você não obedeceu?

() sim () não Por quê?

9) A professora corrige suas atividades?

() sim () não Por quê?

10) Você concorda com a nota que a professora coloca nas provas e nas atividades? Por quê?

11) Geralmente suas notas estão na média?

() sim () não

12) Você fica feliz ou triste quando sua nota não está na média? Por quê?

13) A professora faz muitas atividades para a nota?

() sim () não

14) Você acha fácil ou difícil às provas e atividades aplicadas pela professora? Por quê?

15) Quando você tira nota baixa, a professora faz recuperação?

() sim

Como? _____

() não

Por que? _____